

NÃO PINTCHA

ORGÃO DO COMISSARIADO DE ESTADO DE INFORMAÇÃO E TURISMO

PROFESSORES BRASILEIROS PRETENDEM COOPERAR COM O GOVERNO DA GUINÉ-BISSAU

Encontra-se entre nós, desde a passada quinta-feira, uma delegação de professores brasileiros do Centro de Estudos Afro-asiáticos Cândido Mendes, constituída pelos drs. José Maria Nunes Pereira Conceição, professor universitário e director do Centro, Luís António da Cunha e José Arapiraca, técnicos de planeamento educacional.

Esta delegação, que permanecerá cerca de três semanas no nosso País, tem por missão estudar, junto com os dirigentes do Comissariado de Estado de Educação Nacional e Cultura, as formas possíveis de uma futura cooperação entre o Centro de Estudos Afro-asiáticos e o nosso Governo, dando, deste modo, continuidade ao trabalho efectuado entre nós no final do ano de 1974 pelo dr. José Maria Conceição.

«Neste momento, disse-nos, estamos a apreender a realidade guineense, através dos contactos com as realizações efectuadas no sector educacional».

Quais as suas impressões, nesse aspecto, ao pisar o solo guineense pela segunda vez?

«Pelo que me foi dado observar no primeiro dia de trabalho, tenho que manifestar o meu espanto e satisfação pelos enormes êxitos já alcançados no sector educacional, nomeadamente no que se refere à preparação de professores, a partir dos monitores».

O dr. José Maria Conceição revelou-nos que, como contribuição para a batalha da educação que tem como lema o «Ano I da Educação», trouxe do Brasil algumas centenas de livros, que constituem um mostruário do que se publica no seu país, a fim de que o Comissariado de Educação verifique se alguns deles podem ser úteis aos nossos estudantes.

DESCOLONIZAÇÃO CULTURAL

O que é o Centro de Es-

tudos Afro-asiáticos?

«O Centro de Estudos afro-asiáticos do Conjunto Universitário Cândido Mendes, criado em 1973, destina-se ao estudo da História e da cultura africanas e asiáticas e das relações afro-brasileiras, preocupando-se em efectuar uma reavaliação dos valores culturais negros, marcadamente presentes na sociedade brasileira».

«Se tentasse definir o trabalho do Centro numa só frase, prosseguiu, diria que esse trabalho é de descolonização cultural dos estudantes brasileiros e do público em geral, pois que o estudo da História no Brasil ainda é feito de uma maneira muito europocêntrica. O estudante brasileiro, como o público em geral, não tem um conhecimento verdadeiro da realidade africana, pois a imagem que tem de África é aquela que lhe é transmitida pelos meios de comunicação de massa, isto é, pelos jornais, rádio e televisão. Ora, essa imagem da África, como de resto a de todo o Terceiro Mundo, é violentamente deturpada pelas agências noticiosas internacionais. Se o povo brasileiro tiver uma imagem errada da África, quem perde não é a África. É o próprio povo brasileiro».

Quais as actividades do Centro de Estudos Afro-Asiáticos?

«As nossas actividades são de várias ordens. Ministramos cursos de extensão universitária sobre a realidade afro-asiática, editamos textos, pronunciamos palestras nas faculdades e liceus de todo o Estado e colaboramos com a imprensa especializada em assuntos internacionais, no sentido de produzir melhores artigos sobre a actividade africana».

«O nosso trabalho tem incidido, nestes anos, no estudo e na denúncia do colonialismo português, do racismo na África do Sul e no Zimbábue

(Continua na página 8)

O PAÍS

Com o objectivo de estudar formas de cooperação com o nosso País, no sector da Educação, encontra-se entre nós uma delegação de professores brasileiros do Centro de Estudos Afro-asiáticos do Conjunto Universitário Cândido Mendes, do Rio de Janeiro. O director deste Centro, dr. José Maria da Conceição, que já tinha estado entre nós há um ano, manifestou-nos a sua admiração pelos progressos entretanto conseguidos no ensino — Pág. Centrais



O dr. José Maria Pereira, chefe da delegação brasileira que se encontra no nosso país

Pág. 4 — Terça-feira, 6 de Janeiro de 1976

Professores brasileiros desejam cooperar com o nosso País

(Continuação da página Central)

e do sionismo. Já efectuámos dezasseis cursos e editámos onze textos, que incidem especialmente sobre um dos acontecimentos mais importantes deste século, que foi a libertação dos povos afro-asiáticos do jugo colonial. Também procuramos fazer chegar até aos professores e estudantes brasileiros o pensamento e a experiência política dos grandes líderes africanos destas últimas décadas.

As independências de Moçambique, de Cabo Verde, de S. Tomé e Príncipe e da República Popular de Angola, foram igualmente assinaladas no Centro, no ano de 1975, segundo indicou aquele professor.

Têm alguns projectos de

cooperação com outros países africanos?

«De momento, não. No ano passado, quando visitei Angola e Moçambique, iniciei contactos durante os quais foram solicitados estudos de cooperação futura entre a nossa Universidade e aqueles países irmãos, tendo em conta que, para além de termos sofrido o mesmo colonialismo, embora em épocas diferentes, e de termos uma base cultural comum, utilizamos a mesma língua. No entanto, é preciso ir devagar para marchar sempre, pois as possibilidades do nosso Centro são muito pequenas». Sendo assim, preferimos, de momento, jogar todos os nossos esforços nas possibilidades de cooperação com a República da Guiné-Bissau».